

Abílio Diniz reivindica uma política econômica definida

JORNAL DE BRASÍLIA

ácorda externa

Diniz defende negociação da dívida a longo prazo

18 MAR 1984

A adoção de um programa de Governo a ser posto em prática a médio e longo prazos, voltado basicamente para a renegociação da dívida externa, num prazo mínimo de cinco anos e a adoção de um planejamento estratégico para o setor econômico foi defendida, esta semana, pelo empresário Abílio Diniz, diretor presidente do Grupo Pão de Açúcar e membro do Conselho Monetário Nacional. O empresário acentuou que uma inversão positiva da atual situação brasileira só poderá ocorrer no próximo Governo, pois na sua opinião, a atual equipe econômica não possui credibilidade para a implantação de quaisquer modificações.

O empresário abordou, também, a questão sucessória, afirmando que o candidato a Presidência da República deve representar a possibilidade de retomada do crescimento e desenvolvimento do País, a inversão da recessão e a perspectiva de melhores dias para o País. "Mas o próximo Presidente somente poderá resolver nossos problemas econômicos se contar com o respaldo e

aceitação popular", observou o empresário, ao defender que a vontade popular deve ser respeitada no processo sucessório.

Abílio Diniz disse, ainda, que é favorável às eleições diretas, mas respeita a Constituição que neste momento prevê as indiretas. Ele frisou, no entanto, que mesmo pela via indireta", o Colégio Eleitoral não pode frustrar a expectativa da sociedade" e citou os resultados da última pesquisa realizada pelo IBOPE, que apontou o atual vice-presidente, Aureliano Chaves como favorito.

Dificuldades

Na entrevista que concedeu na Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, esta semana Abílio Diniz chamou atenção para a situação econômica do País, admitindo que o processo recessivo sofrerá um agravamento, bem como o nível de desemprego, a elevação das taxas de juros e o aumento do arrocho creditício.

"Os compromissos assumidos com o FMI — disse ele — nos levam a impossibilidade de conseguir um mínimo de reativação da atividade

econômica". O empresário lembrou que o superávit da balança comercial, anunciado pelas autoridades como uma grande vitória, não representa uma tendência de solução para a crise nacional, pois mesmo que supere a meta dos 9 bilhões de dólares, o País não terá recursos para pagar os juros correspondentes a este ano, que chegam a 12 bilhões de dólares.

Ao defender um planejamento estratégico para o País para ser aplicado nos próximos anos, Abílio Diniz incluiu a retomada de crescimento a pelo menos 3% ou 4% ao ano para reverter a curva de desemprego e obter o mínimo de alívio para as empresas. O papel do Estado na economia, segundo observou; deve ser repensado, bem como todo o financiamento do setor público. Para ele, um programa sério de combate à inflação pressupõe uma ampla reforma tributária e mudanças no Sistema Financeiro de Habitação e na Previdência Social. A desindexação da economia, como forma de quebrar o processo de autoalimentação da inflação foi outro ponto levantado pelo empresário.